

A Escola Nacional Florestan Fernandes e a sua organização formativa

Messilene Gorete da Silva
Rosana Cebalho Fernandes

Como citar: SILVA, Messilene Gorete da; FERNANDES, Rosana Cebalho. A Escola Nacional Florestan Fernandes e a sua organização formativa. *In*: NOVAES, Henrique Tahan (org.). **Educação para além do capital e políticas educacionais na América Latina**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 121-146. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-337-3.p121-146>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Capítulo 5

A Escola Nacional Florestan Fernandes e a sua Organização Formativa

Messilene Gorete da Silva¹
Rosana Cebalho Fernandes²

Introdução

A Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) é uma escola de formação política que responde ao seu objetivo geral: *Organizar e desenvolver processos de formação política ideológica de militantes, dirigentes e quadros de organizações populares nacionais e internacionais que contribuem para que a classe trabalhadora, em toda sua diversidade, realize a transformação social com o horizonte do Socialismo* (ENFF, p. 15, 2020). Ou seja, a sua tarefa política recai sobre a necessidade de impulsionar a elevação do nível de consciência desde as práticas formativas que correspondam às demandas de refletir e estudar conteúdos, além de desenvolver o processo do estudo junto a outras dimensões formativas como a organicidade, a mística, a arte e a cultura revolucionária, o trabalho, os valores humanistas e socialista. Dessa

¹ Historiadora, Mestranda em Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe-UNESP, membro da Coordenação Política Pedagógica da ENFF.

² Pedagoga, Especialista em Educação do Campo, Mestra em Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe-UNESP, Doutoranda em Educação-UNICAMP, Coordenadora Geral da ENFF.

maneira constitui um jeito de fazer formação, compreendendo-a como omnilateral.

A ENFF nasce da construção um projeto político de sociedade almejado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com a compreensão que um movimento popular tem a responsabilidade de elaborar na práxis uma nova forma de sociedade e de sujeitos humanos numa perspectiva que combata e rompa com o projeto do modo de produção capitalista. Nesse sentido, ao longo da sua história foi conformando como um movimento que implementa a partir das lutas organizadas, ações que contribuam para conquistar os objetivos da terra, da reforma agrária e da transformação social.

Nessa perspectiva, o MST foi consolidando ações que vão para além da conquista de um pedaço de terra, porém a terra é a centralidade da luta para organizar as demais conquistas como a luta pela escolarização em todos os níveis através da educação pública; a luta pela garantia de atendimento público de saúde, concebendo-o como um processo de cuidados preventivos para além do curativo; atua como um sujeito produtor e organizador de uma *nova* cultura sustentado pela cultura popular em contraponto à cultura de massas; busca construir novas relações entre os seres humanos, especialmente no que tange às questões de gênero e diversidade sexual; constrói a organização e a luta com base na defesa dos direitos humanos; implementa a agroecologia como fundamental para a sobrevivência humana em relação com a natureza produzindo alimentos saudáveis para a população local ou de outras regiões do país.

Os elementos apresentados acima é um conjunto que compõem o que é denominado como o Programa de Reforma Agrária Popular (RAP) construído pelo MST desde o ano de 2014 quando da realização do seu VI Congresso Nacional, como resultado de um amplo debate

ocorrido nos territórios de assentamentos e acampamentos nos 24 Estados nos quais o Movimento está organizado.

A síntese que o MST apresenta em seu programa de reforma agrária tem a sua origem e materialidade nos sujeitos que fazem parte do processo de territorialização do Movimento. Ao mesmo tempo em que se inserem num processo de formação política através das lutas permanentes e na organização de espaços educativos que possibilitam aprofundar determinados temas conjunturais e estratégicos com o caráter de estudos sistematizados.

Nesse sentido, a ENFF é planejada desde uma decisão política tomada pelas instâncias do MST, na intencionalidade de constituir um espaço de formação para a militância, dirigentes e quadros Sem Terra e das demais organizações populares nacionais e internacionais.

A Escola tem um processo de construção física, política e pedagógica baseada na solidariedade e no trabalho voluntário, além da sua infraestrutura ser projetada na perspectiva da agroecologia a partir da técnica solo cimento.

Do ponto de vista pedagógico apresentamos neste texto algumas reflexões sobre o método formativo que a ENFF foi construindo ao longo da sua existência que tem projetado a formação política como parte da luta ideológica, sendo necessária assumi-la como um profundo desafio da classe trabalhadora, apresentado com muita força no atual contexto da luta de classes.

O método pedagógico

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da ENFF enfatiza a sua compreensão de método pedagógico como *a forma, o meio de organizar*

o cotidiano formativo da ENFF, que tem uma concepção de formação política e uma base teórica – uma pedagogia – que fundamenta a práxis educativa e aponta caminhos de como organizar o processo de formação a fim de atingir os objetivos propostos (idem, p.29, 2020).

Ao reafirmar este entendimento alguns elementos são constitutivos dessa Escola que não é uma *escola comum*, pois está intrinsecamente ligada à sua natureza, considerando a sua origem de criação desde um movimento de luta camponesa, incorporando os objetivos gerais deste sujeito social coletivo, o MST, que ao lutar por terra, reforma agrária e o socialismo, organiza diferentes frentes de ações como é particularmente o processo educativo e de formação política presentes em toda a sua história.

Nesse sentido, o fazer cotidiano da ENFF foi incorporando características particulares ao longo da sua história no cotidiano educativo e assim, o método pedagógico vai se ajustando, ou seja, não é algo estático, está em permanente movimento. Podemos afirmar que o que leva a fazer determinados ajustes é o jeito que esse funcionamento acontece, enfatizando o processo organizativo do ambiente educativo.

Na ENFF o ambiente educativo é constituído por diferentes *tempos* propostos para implementar as várias dimensões formativas como o tempo formatura, o de estudo, o de leitura individual ou coletiva, os círculos de literatura, o de trabalho, de ciclos de debates, de oficinas, de educação física, de noites culturais, de discussão de gênero e diversidade sexual e tempos para a implementação da organicidade estabelecida através do seu organograma; da diversidade de sujeitos (humanos e sociais); a prática dos princípios organizativos da direção coletiva, do planejamento, da distribuição de tarefas, da avaliação entre outros. Além desses tempos, o território material no qual o sujeito está inserido é um

campo fértil para responder à implementação do método de acordo com uma intencionalidade construída para que a práxis aconteça.

A Escola Nacional tem como centralidade a formação política ideológica através de distintos cursos com sujeitos diversos, porém em cada programa é firmado alguns critérios de participação. Há cursos para sujeitos específicos como para mulheres e LGBTQI+, por exemplo, bem como os que são para as organizações populares nacionais e internacionais. Além desses, existem algumas parcerias com Instituições de Ensino Superior (IES) para formação em graduações e pós (especializações e mestrados). A definição para organizar um determinado curso é pautado pela demanda analisada nas instâncias do MST e/ou demandas apresentadas por alguma organização popular. O mesmo critério é válido para deixar de organizar um determinado curso, pois se não há demanda, não há respaldo para manter-se no calendário anual. Contudo, a ENFF tornou-se uma referência política e de condições de infraestrutura, por isso é demandada constantemente para sediar eventos, sejam seminários, encontros, reuniões, visitas, atividades artísticas culturais por exemplo espetáculos teatrais, musicais, futebolísticos, entre outros.

A Escola tem como principais documentos orientadores do fazer cotidiano o PPP que teve a sua publicação pela primeira vez em janeiro de 2020; as Normas Gerais que vai sendo ajustada periodicamente de acordo com o processo organizativo que requer avaliação e sugestões apresentadas por educandos/as, instâncias da ENFF, bem como pelas instâncias do MST. As turmas dos diferentes cursos são orientadas pelo Projeto Pedagógico do Curso e pela Proposta Metodológica da Etapa (PROMET) quando o curso ocorre em alternância, esta serve como uma síntese do que foi debatido no processo de organização de cada etapa, ou seja, são as definições acordadas para serem implementadas.

Quanto ao conteúdo dos cursos, na implementação da dimensão do estudo, são organizados com base em alguns eixos, como da história, da questão agrária, da economia política, do método de trabalho de base, junto com outros que considera-se transversais como gênero e diversidade sexual, questão étnico racial e a questão da cultura. Esses eixos de estudos fazem parte do *currículo mínimo* como é conhecido a base curricular da ENFF sistematizado a partir das reflexões e organizações dos programas de cursos desde a contribuição das Coordenações Políticas Pedagógicas (CPP's) de cada núcleo de curso.

Os núcleos de cursos é a forma estabelecida para organizar os programas para os diferentes públicos do ponto de vista geográfico, os nacionais e os internacionais; bem como para compreender quais são os cursos escolarização em parceria com as IES e outros cursos que são demandados à ENFF por categorias específicas de trabalhadores. Sendo assim, na Escola existem quatro núcleos: o de Teoria Política Nacional, o de Teoria Política Internacional, os Formais e o núcleo Urbano Popular.

No processo de formação da Escola Nacional todos/as que fazem parte da organização para a realização de um curso são considerados/as educadores/as, desde a Brigada Apolônio de Carvalho (BAC) que são militantes designados pelo MST de diferentes Estados que conforma uma brigada permanente que tem a responsabilidade de manter as diferentes atividades de infraestrutura em pleno funcionamento, sendo que em alguns momentos assumem a tarefa de coordenar, motivar ou acompanhar como CPP, bem como os/as convidados/as para executar uma oficina e/ou dar aulas efetivamente. Os convidados/as são educadores/as que em parte são da academia que compartilham do pensamento marxista e se dispõem de forma voluntária e militante contribuir com os conteúdos de um programa de curso. Outros/as são

militantes, dirigentes e quadros das organizações populares que já passaram por um processo de formação e como parte da sua militância se tornou um/a educador/a da ENFF. Alguns/as educadores/as estão permanentemente na Escola, outros contribuem esporadicamente. Pode-se afirmar que não há um corpo docente fixo, pois a cada organização de uma nova turma constitui-se o coletivo de educadores/as que assumirá o tempo educativo de aula, ou dos seminários, círculo de literatura e ciclos de debates que compõe a dimensão do estudo.

O funcionamento pedagógico é intencionalizado desde a sua origem, feitas de escolhas a partir do contexto que cada momento histórico apresenta. O perfil dos/as educandos/as são diversos, majoritariamente a juventude, respeitando a equidade de gênero, como linha política. Quanto ao tempo de duração de cada curso há alguns que são realizados em etapa única que varia a quantidade de semanas; há os que são em várias etapas em quantidade menores de dias e ainda há aqueles, particularmente os de parcerias com as IES que são etapas com duração mais permanente na quantidade de semanas, pois nesse caso, cada etapa corresponde a um semestre letivo. Podemos afirmar que a Pedagogia da Alternância faz parte do método pedagógico da ENFF, porém para os cursos internacionais geralmente ocorrem em etapas únicas tendo especialmente a questão econômica como definidora.

A ENFF tem uma disponibilidade de alojamento com capacidade para 200 pessoas que possibilita acolher educandos/as em tempo integral. Sendo assim, várias turmas podem acontecer simultaneamente, ocasionando uma integração entre todos, incluindo a BAC, bem como as crianças presentes que acompanham a mãe ou o pai durante o período de estudos. A integração dessa coletividade acontece especialmente nos momentos de formatura, noites culturais e nas diferentes refeições diárias.

Cabe enfatizar que as crianças possuem uma programação diferenciada dos adultos, vivenciando o planejamento pedagógico da Ciranda Infantil Saci Pererê, onde desenvolvem atividades recreativas, de oficinas, de cinema, de aprendizagem de conteúdos políticos, como por exemplo a agroecologia. As crianças permanentes que são filhos/as dos/as militantes da BAC frequentam um turno na ciranda e outro na escola pública do bairro. As crianças itinerantes frequentam a ciranda em tempo integral, respeitando os intervalos de almoço e jantar junto aos pais e mães.

O processo pedagógico é coletivo, nesse sentido não se quer dizer que o sujeito individual não tenha a sua individualidade respeitada, ela existirá dentro de um coletivo. Acontece que a sobreposição da *individualidade* sobre o coletivo não está posta no desdobramento metodológico, pode-se observar isso desde a indicação para um curso, o sujeito deve estar inserido em alguma organização popular (que é coletiva). Ou seja, para fazer um dos cursos que a ENFF organiza, a pessoa deverá ser indicada por uma organização popular, seja ela local ou de abrangência nacional. O aprendizado que o sujeito obtiver num período na Escola deverá ter materialidade com o seu fazer enquanto militante, dirigente ou quadro da sua organização popular.

Cabe frisar que o acompanhamento das CPP's é um elemento fundamental para a implementação do método pedagógico, pois esse acompanhamento põe em movimento o ambiente educativo desde a inserção dos/as educandos/as à avaliação final, seja da etapa ou de conclusão da turma.

Pode-se acentuar que o processo de avaliação como já mencionado anteriormente, é distinto de uma escola de escolarização de acordo com o sistema de ensino brasileiro que na maioria das vezes pensam num resultado de aprovação ou reprovação. Para os/as

militantes que participam de um curso o principal objetivo é ter melhores condições para implementar a práxis na sua organização popular, já que fez um curso indicado por esse sujeito social coletivo. Nesse sentido, pode-se afirmar pelo menos três frentes de avaliação permanente de acordo com o planejamento, sendo: a avaliação da turma, a avaliação da ENFF especialmente em sua organicidade junto a BAC e a avaliação das CPP's. Esses processos avaliativos requer a construção de metodologias específicas para cada coletivo que possibilita avançar para um processo permanente de crítica e autocrítica.

Ressalta-se que o método pedagógico da Escola Nacional, com base no Materialismo Histórico Dialético (MHD) possibilita uma formação que busca humanizar as pessoas, sendo a ENFF um lugar de formação humana e tudo o que isso representa, posto as contradições, limitações e lições diante da complexidade que se apresenta e certamente da inconclusão da tarefa de formar e educar sujeitos, sendo uma tarefa que revelam contradições e conflitos, imprescindíveis num processo dialético. Aprende-se como BAC, educadores/as, aprende-se como educando/a, aprende-se como CPP's, com dores e alegrias que o *humanizar* requer.

Para aproximar com êxito do objetivo de humanizar, é imprescindível que haja intencionalidade *consciente* entre todos os sujeitos envolvidos no processo cotidiano. Como já estudamos em Marx, o ser humano não é formado só pela teoria e nem só pela prática, mas dialeticamente, formando a práxis. Nesse sentido, o ser humano ao mesmo tempo que está *transformando* a realidade é *autotransformado* por ela. De maneira bem particular, a ENFF é construída por sujeitos que ao construí-la se autoconstróem, isso se dá através do jeito como ela própria (a escola) intencionaliza o processo de humanização das pessoas,

tendo como fundamentos principais a Pedagogia Socialista, a Educação Popular e a Pedagogia do Movimento.

Quando falamos de Pedagogia Socialista nos referimos a experiência da organização da educação e da escola na Revolução Russa acreditando que as principais transformações e a construção de uma sociedade justa passam pela emancipação dos seres humanos e que a educação cumpre um papel fundamental para essa mudança.

A sociedade pode estar organizada de tal forma que poderá participar de todos os processos de produção e reprodução da vida e ao mesmo tempo poderá usufruir dos bens de consumo conforme as suas necessidades. Sendo assim, a ENFF *bebe* nessa experiência pedagógica através de alguns princípios que no seu fazer cotidiano vão sendo materializados.

A coletividade que é um dos princípios vem de Anton Makarenko, considerado um dos pioneiros da experiência soviética, que a partir de sua prática como educador, descreve que a coletividade é um fenômeno novo, assim como a sociedade socialista, sendo assim, só pode ser exercida na sociedade socialista, e afirmando o mesmo como um dos princípios dessa sociedade. Nela o bem estar individual depende diretamente do bem estar da coletividade e o bem estar da coletividade determina o bem estar individual. E que essa coletividade é como uma microestrutura social, em que se reproduz tipos de relações próprias para o conjunto da sociedade.

“Na escola a criança vive uma coletividade, na sua casa, outra, na sessão de esporte, em uma terceira, no Palácio de Pioneiros em uma outra coletividade, passa a vida entre coletividades, podendo eleger nas manhas uma, na parte da tarde outra e na hora das refeições uma terceira coletividade” (Makarenko, 1932, pag.123).

A ENFF não está inserida em uma sociedade socialista, porém na sua prática busca exercitar os valores de uma sociedade emancipada. A forma como se organiza a vida social e política da ENFF ao nosso ver seria inviável se não fosse baseado na coletividade, e como se expressa na literatura marxista, dialogando claramente com Makarenko, são os indivíduos em coletividade que criam as circunstâncias e com elas próprias se educam. Portanto a coletividade não é uma célula que surge de decisões individuais e de forma espontânea, a mesma surge como resultado de uma atividade consciente e concreta, tanto dos indivíduos como das suas organizações políticas.

O trabalho é outro princípio educativo e se coloca como uma das dimensões formativas da Escola Nacional. O trabalho pensado, organizado, planejado, executado e avaliado com os sujeitos que fazem a vida da Escola acontecer, sejam estudantes, militantes da BAC ou pessoas que vem para atividades pontuais (militantes, dirigentes de organizações). O trabalho é fundamental para o funcionamento diário da escola durante toda a sua história, pois desde o processo de construção dos espaços físicos ele esteve presente como uma prática necessária, mas também como um dos valores humanos e socialista da práxis política.

A forma como se produz e reproduz a vida coletiva na ENFF ajuda nessa construção permanente. Todos aqueles e aquelas que passam pela a Escola Nacional de uma forma ou de outra participam diretamente dessa construção. E para isso nos referenciamos na Pedagogia Socialista e na própria prática do MST para a materialização do trabalho como elemento formador de consciência. O trabalho assumido como um instrumento fundamental na construção de uma nova sociedade passa por novas relações humanas e sociais.

Krupskaya uma das grandes impulsionadoras e sistematizadora da dimensão do trabalho na Revolução Russa apresenta que a *“educação para o trabalho”* é uma das principais bases da Pedagogia Socialista e que a escola como espaço livre de criação, é onde o desenvolvimento da consciência se dá pela integração ao trabalho produtivo, com a participação e a vinculação direta dos sujeitos responsáveis por organizar a sociedade socialista.

A escola do trabalho pode ter um caráter estritamente artesanal, um caráter de economia doméstica, a escola pode estabelecer suas metas sobre como formar nas crianças a paixão pelo trabalho, a perseverança, a paciência e assim por diante...Somente o trabalho com o material o jovem estuda em todos os seus aspectos... Durante o processo de trabalho, ele aprende a observar, verificar as suas observações por meio das experiências, aprende a usar o livro como uma ferramenta de trabalho, aprende a usar dados científicos para o trabalho diário (Krupskaya, 2017, p.85)

A compreensão sobre a Pedagogia Socialista está num conjunto de elementos formativos que orientem, de acordo com Pistrak, a forma *de associação e de teorização de práticas educativas protagonizadas pelos trabalhadores ao redor do mundo, e conduzidas (na teoria e na prática) desde seus objetivos de classe para construção de novas relações sociais de caráter socialista* (2015, p.7). Nesse sentido, é possível pensarmos que a *escola* é uma referência de implementação dessa pedagogia, porém essa pedagogia é muito mais ampla, está pensada para um projeto maior, de mudanças estruturais da sociedade. E que para tanto se insere na realidade e está *envolvida* por essa realidade, através dos sujeitos e dos focos de debates, estudos e reflexões que a mesma provoca.

Outro elemento fundamental herdado das análises e experiências dos pedagogos socialista é a auto organização dos/as educandos/as, constituindo sujeitos com habilidades, conhecimentos e tomadas de decisões. Nesse sentido, a Escola Nacional, a partir do seu jeito organizativo possibilita algumas orientações, nas quais os/as educandos/as fazem o esforço de colocá-las em prática de acordo com a capacidade organizativa que lhes forem possíveis, isso se reflete por exemplo no trabalho de limpeza da cozinha e refeitório, nas preparações das noites culturais e do tempo formativa, só para citar alguns.

Dentre outros elementos absorvidos das experiências russas, frisa-se também a questão da cultura numa relação direta com a política, contrapondo o projeto do espetáculo, da cultura como mercadoria e diversão. O papel da cultura no processo de emancipação social e humana, como um instrumento de realizar lutas para conquistar a hegemonia de um projeto político desde uma formação estética. Pode-se perceber alguns sinais nesse sentido no fazer cotidiano da ENFF, mas ainda está distante do que o pensamento socialista efetivamente realizou, bem como o desafio de seguir persistindo nessa dimensão que acumule para uma transformação profunda dos seres humanos e da sociedade.

O segundo fundamento do fazer formativo da ENFF é a Educação Popular que surge na América Latina como uma pedagogia dos excluídos/as. E a mesma tem acompanhado a trajetória de lutas dos movimentos populares desse continente, especialmente desde os anos de 1960 como uma concepção e uma metodologia, que ao mesmo tempo se converte em uma corrente pedagógica e em muitos casos, em movimento político e cultural.

No Brasil a Educação Popular foi e segue sendo uma das correntes da educação mais importante para os sujeitos em lutas, como impulsionadora de movimentos de resistências e também como uma

ferramenta para a organização popular a exemplo das Comunidades Eclesiais de Bases (CEB's) nas décadas de 1960 e 1970, dentre outros movimentos com processos de trabalhos e organizações populares, assim como o MST.

Um dos referenciais dessa pedagogia foi Paulo Freire que nos legou um dos acervos mais importantes para os processos de formação e educação que é a Pedagogia do Oprimido. Nela ele traz uma das principais questões que é crítica a educação tradicional ou bancária, por ser uma educação que atrofia qualquer possibilidade de reflexão crítica da vida e da realidade, tendo um conteúdo de domesticador e opressor. Uma educação que historicamente impossibilitou aos sujeitos a auto definir-se como protagonistas da sua própria história. Esse jeito de educar tinha como propósito de manter os sujeitos sob o domínio dos interesses dos opressores. Ao fazer a crítica a esse tipo de educação, Freire propõe uma outra forma de educar, uma educação que gera consciência crítica e liberta as pessoas da situação de opressão e submissão, assinala:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se nas práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 1970, p.27).

Paulo Freire também traz a reflexão de que os processos de libertação, necessariamente estarão vinculados aos processos de lutas e de organização, possibilitando que os oprimidos se libertem nessa práxis permanente. Assim entendemos que a formação cumpre a tarefa de ajudar a desvelar desde a consciência, essa realidade opressora. Vejamos:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (*idem*, 1970, p.20).

O fazer político e pedagógico das experiências formativas e organizativas nas quais estamos envolvidas nos traz a compreensão da pedagogia dos oprimidos como um processo de desvelar a realidade e gerar consciência crítica, sendo uma importante referência teórico metodológica que tem contribuído no aprofundamento de um projeto educativo humanizador, que transita para a transformação social.

A ENFF na sua trajetória política pedagógica recorre a diversos aprendizados da educação popular, dentre eles, ter uma postura política e coerente com as causas dos povos oprimidos do Brasil e do mundo, e ao mesmo tempo ter a capacidade de construir processos que possibilitem aos sujeitos sonhar e não perder a esperança de seguir lutando com ousadia pelo projeto que está no horizonte.

Outro grande aprendizado é a humildade de quem sabe e ao mesmo tempo não se constrói tudo só, construir com os outros/as, sejam outras escolas, movimentos, pessoas, organizações, coletivo, tão necessário para seguir aprendendo e enriquecendo o projeto coletivo.

Aprende-se também que as pessoas se educam para transformar a realidade, tendo como princípio valorizar o conhecimento dos sujeitos e ao mesmo tempo o desafiá-los a aprender mais e mais. Além de ser coerente com o ser humano na sua capacidade de aprender e ensinar, mantendo a profunda coerência com o projeto político que se defende.

Portanto, a Escola Nacional assume a educação popular como uma concepção política, incorporando-a no seu método pedagógico, que orienta a sua prática cotidiana para com o conjunto de militantes, dirigentes, educadores, formadores, estudantes, ao mesmo tempo em que estes também dialogam com suas realidades. É o exercício permanente da teoria e prática.

O diálogo se apresenta sendo uma das categorias da educação popular importante nesse processo como condição fundamental do fazer formativo e coletivo na sua relação com os sujeitos que constroem a Escola.

Outro elemento que é importante trazer desde a experiência da ENFF na sua prática pedagógica desde da educação popular é que não existe separação do que é político e do que é educativo. Tudo é político e tudo é formativo, sendo estes intrinsecamente ligados em todos os seus níveis, seja nas salas de aulas, nos corredores, nos dormitórios, nas relações pessoais, nos trabalhos coletivos, na vivência com a BAC e entre a BAC, enfim o fazer e o vivenciar a experiência da ENFF é um fazer político permanentemente. Ou seja, a educação popular é uma pedagogia política, crítica, que se constrói de maneira permanente, como uma constante necessidade nos processos de aprender e ensinar.

A terceira pedagogia que fundamenta o PPP da ENFF é a Pedagogia do Movimento que para compreendê-la é necessário entender o significado do MST como um movimento social que inicia seu processo organizativo ao final da ditadura militar no Brasil. Foi fundado oficialmente em 1984. Em 2021, o MST está organizado em 23 Estados e no Distrito Federal. Por meio da luta já conquistou terra para aproximadamente 350 mil famílias, inaugurou dezenas de associações e cooperativas, estrutura nos territórios conquistados as escolas públicas de educação básica que atendem milhares de crianças e adolescente,

desde a educação infantil com a organização das cirandas infantis para além dos espaços escolares. Elabora e implementa processos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente na alfabetização. Desencadeia parcerias com diferentes Instituições de Ensino Superior (IES) para cursos de graduações e pós-graduações em diferentes áreas do conhecimento para formação em nível superior dos educadores, militantes e dirigentes do MST e de outros movimentos camponeses brasileiros. Em cada Estado onde o MST está organizado, conta-se com pelo menos um centro de formação política, bem como algumas escolas regionais, sendo estas também para atender as demandas de formação escolar técnica.

Desde a sua origem, uma das formas de luta que se mantém ao longo da sua existência é a ocupação de latifúndio primeiramente, construindo assim uma marca histórica, mas também ocupações de prédios públicos, como forma de pressionar os governantes responsáveis por garantir políticas públicas aos trabalhadores. Sendo assim, para o MST o ato de ocupar não é o mesmo que invadir. Ocupar tem o sentido de preencher um determinado espaço, no caso das ocupações de latifúndios, para questionar a função social da terra.

Essa breve introdução histórica é fundamental para compreendermos o lugar da Pedagogia do Movimento como o jeito que o MST se organiza e nesse jeito de organizar desenvolve um processo de formação, combinada com as várias formas de lutas, para além da escola. Porém, a escola é um instrumento importante dentro da Pedagogia do Movimento, como afirma: “a Pedagogia do Movimento não cabe na escola; mas a escola cabe na Pedagogia do Movimento” (CALDART, 2002, p. 67).

Dessa maneira, há uma dimensão educativa dos movimentos populares, particularmente do MST, que é a materialidade dessa

pedagogia, analisando para quem e com quem se compõem essa organização social. Os movimentos sociais têm sido um lugar de formação de sujeitos sociais. Os próprios movimentos sociais são sujeitos sociais coletivos, que desenvolvem a práxis social, no qual as pessoas se educam participando ativamente.

Os sujeitos se formam no movimento de luta social e da organização coletiva. Nesse caminho, as pessoas são envoltas pelo sujeito social, transformando-se como seres humanos, ao mesmo tempo em que vão construindo a sua organização. Isso tem relação com o sentimento de pertença e de identidade, como é o caso de ser reconhecido como “Sem Terra”, por pertencer ao MST, diferente de ser *sem-terra* como uma condição social de não ter a terra. Esta condição social está posta para todos os trabalhadores que não têm garantido o direito à terra e que estão organizados nos mais diversos movimentos sociais de luta pela terra no Brasil. O MST desenvolve uma identidade coletiva que busca se manter mesmo após a conquista da terra.

A luta social que forma sujeitos é aquela que constrói um projeto transformador para a sociedade, o qual está ligado à uma práxis revolucionária. Nesse processo de formação, há matrizes pedagógicas importantes a considerar num projeto de educação que vise a transformação social e a emancipação humana. É necessário que a classe trabalhadora projete práticas educativas, de acordo com a Pedagogia do Movimento, na perspectiva de que os aprendizados sejam fortalecidos, de que as pessoas se humanizem, de que reflitam sobre a sua vida, a sua história, e construam a sua dignidade e liberdade.

Segundo Marx, há necessidade de que os seres humanos transformem a si mesmos para transformarem as suas condições sociais de existência, ao mesmo tempo em que a transformação das condições sociais é vital para a transformação de si mesmos. Ao pensarem a práxis

revolucionária ou a prática transformadora, os movimentos populares desencadeiam processos no movimento da história, sustentados numa coletividade que almeja fazer diferença na correlação de forças políticas da sociedade, consolidando identidade, valores humanos, posturas e posições políticas, e com isso provocando reflexões na sociedade.

A Pedagogia do Movimento nasce da prática política e pedagógica do MST que constitui processos de formação coletivos através da luta social e da organização coletiva como matrizes fundantes desse jeito de conquistar direitos e fazer mudanças na sociedade. Caldart afirma a “Pedagogia do Movimento como uma possível categoria da teoria pedagógica e social, buscando interpretar a experiência educacional do MST, discutimos a dimensão educativa do Movimento” (CALDART, 2000, p. 04). E arremata:

O MST tem uma pedagogia que é o jeito através do qual historicamente vem formando o sujeito social de nome “Sem Terra”, e que no dia a dia educa as pessoas que dele fazem parte. Esta é a “Pedagogia do Movimento Sem Terra”, cujo sujeito educador principal é o próprio Movimento, não apenas quando trabalha no campo específico da educação, mas também e principalmente quando sua dinâmica de luta e de organização intencionaliza um projeto de formação humana, que começa com o enraizamento dos sem-terra em uma coletividade, que não nega o seu passado e projeta um futuro que eles mesmos poderão ajudar a construir. E é para esta pedagogia que precisamos olhar para compreender e fazer avançar as experiências de educação e de escola do próprio MST (CALDART, 2000, p. 04).

O projeto educativo do MST está diretamente vinculado a um projeto da classe trabalhadora que será efetivado a partir da elevação da consciência nas suas várias dimensões (cultural, social, política, histórica,

estética) dos próprios sujeitos da classe no seu conjunto, considerando campo e cidade como territórios produtivos de novos sujeitos humanos.

Nesse sentido, o projeto formativo da ENFF não está e não cabe apenas no território da Escola, mas deve estar em diálogo permanente com todos os lugares de origem de cada militante, dirigente ou quadro que está em constante aprendizado nos seus processos formativos. Porém, a escola é um dos espaços fundamentais para a incorporação dessa Pedagogia, possibilitando a vivência da mística, da construção coletiva dos saberes, dos diferentes tempos educativos e dos tempos de desenvolvimento do próprio ser humano, construindo sujeitos éticos, solidários, que cultive o gosto de ser povo e do cuidado com os bens da natureza. Enfim, o desafio posto é uma escola que busca consolidar a Pedagogia do Movimento através das práticas educativas a partir da inserção na realidade dos movimentos populares e de seu projeto político de classe.

O exercício agora é apreender algumas lições desta Pedagogia, a partir do que a ENFF vem implementando no seu fazer cotidiano desde o marco da sua inauguração em janeiro de 2005. Começaremos pela lição da *coletividade* (herança da Pedagogia Socialista), tanto para a entrada em algum processo formativo quanto para a vivência durante o tempo que permanecer no interior da Escola. Quem deseja fazer parte de um curso, em qualquer um dos núcleos existentes, o critério principal é estar vinculado organicamente ou ser nomeado representante de uma organização popular, não importando o seu nível de abrangência, pode ser local, municipal, regional, nacional ou internacional. O desejo individual apenas é pouco para estudar na ENFF, é necessário que o desejo particular esteja vinculado a um desejo coletivo organizado, fazer sentido para contribuir melhor com a causa da sua organização popular. Além da entrada, a permanência no ambiente educativo também está

permeada pela coletividade, tendo como base de sustentação dessa convivência cotidiana a organicidade, através da estrutura de funcionamento dos diferentes espaços de decisões políticas organizativas, bem como de execução das decisões tomadas, relacionando nesse funcionamento o trabalho como um princípio educativo coletivo. Além disso, a própria consolidação da BAC no processo organizativo mantém o funcionamento da ENFF nas suas diferentes demandas que o funcionamento requer, compreendendo a responsabilidade individual para o fortalecimento coletivo.

Outra lição que identificamos é a implementação das diferentes matrizes pedagógicas no processo de humanização dos diferentes sujeitos que se inserem na Escola, ou seja, diferentes práticas que tornaram fundamentais na organização das atividades e/ou cursos realizados que dá sentido à própria existência deste território educativo. Isso tem a ver com o jeito de formar pessoas que o MST constituiu a sua Pedagogia, não inventando a roda, mas bebendo nas fontes da Pedagogia Socialista e da Educação Popular, não estaticamente, mas em permanente *movimento* (de ação), desde a luta social desencadeada ao longo da história da humanidade e da sua própria história. Pois a relação que o Movimento mantém com a questão da terra, com a centralidade na luta pela sua distribuição para quem dela precisa para sobreviver, não é apenas uma intenção economicista, senão também de cuidado com esse bem da natureza e um dos patrimônios de todos os seres humanos, remete a uma prática que humaniza os sujeitos.

A formação humana também acontece ao estruturar processos culturais, sendo a matriz da cultura uma indicativa de superações de vícios e desvios, de elevação do nível de consciência. A ENFF está bastante ligada ao jeito de organizar as produções culturais pelos educandos, as possibilidades de participações e intervenções de artistas

em eventos especiais ou nas noites culturais, nas demandas de espetáculos teatrais, oficinas de artes das diferentes linguagens, além dos murais, da criatividade exercida a cada manhã durante o tempo formativa, através dos gestos, do conteúdo, das simbologias, enfim organizar o ambiente educativo, na perspectiva da cultura da resistência, da luta, da esperança e do socialismo. O que representa ou o que impacta no sujeito ao ouvir uma canção latino-americana que conforma uma identidade regional em lutas, ou mesmo outra que faz o sujeito refletir sobre a questão de gênero, de raça e do patriarcado?

O trabalho como um princípio educativo, como já refletido anteriormente, também se constitui uma matriz pedagógica. Nele está posto a centralidade da vida humana, podendo se educar ou deseducar, se libertar ou se aprisionar, se conscientizar ou se alienar, pois é a partir dele que está vinculado a existência do sujeito. Na ENFF o trabalho foi incorporado na perspectiva fundante no processo de transformação das relações sociais desde o processo de produção até o benefício do resultado produtivo. Faz-se necessária a compreensão de que o trabalho como princípio está em permanente relação com as diferentes dimensões da vida humana, é ele que definirá a sua posição política, atitudes na vivência dos valores, o jeito de conviver em coletivo, a dimensão cultural, enfim a vida humana tem a sua centralidade nas relações estabelecidas pelo trabalho. E quando falamos de uma escola da classe trabalhadora é com base nessa matriz formativa que afirmamos para quem essa Escola está organizada.

Ressaltamos a pedagogia da alternância como necessária na formação da práxis, vinculando o sujeito com o seu território de origem (de onde saiu para estar num processo formativo na ENFF, não necessariamente o de seu núcleo familiar). Ter um tempo destinado para estudos teóricos com um nível de aprofundamento ou mesmo iniciais,

num ambiente educativo que intencionaliza outras dimensões formativas, por determinado período, sejam semanas, quinzenas ou meses; retornar para a sua vida orgânica em qualquer tarefa militante para a qual está designado, relacionando os aprendizados do Tempo Escola (TE) com a sua prática cotidiana (Tempo Comunidade-TC).

Retomar a prática cotidiana para novos aprofundamentos teóricos, é de uma grandeza para a vivência e implementação da práxis, que temos que entendê-la além da ida e volta do sujeito para diferentes lugares. A práxis e a própria pedagogia da alternância é a vivência com intencionalidade em toda a vida do ser humano em formação. Podemos dizer que ter um tempo (dias) em um determinado lugar *para aprender* e noutro para *colocar em prática* os aprendizados, é apenas uma questão metodológica, pois o sujeito estará aprendendo nos diferentes lugares que esteja, ao mesmo tempo que aprende também ensina.

Destacam-se também as viagens de campo realizadas com algumas turmas, mesmo que essas são de etapas únicas, particularmente com as turmas internacionais são fundamentais para enxergarem a realidade, ainda que de maneira superficial, mas compreendem melhor os dilemas que o povo vivencia. Esse tempo é intencionalizado para conhecerem experiências distintas dos que vivem na sua militância, aprimorando os seus conhecimentos sobre as realidades camponesas e urbanas no Brasil.

Para finalizar, tanto os/as educandos/as, quanto os membros da BAC participam de lutas, através das presenças nas ações de mobilizações que ocorrem na região próxima à ENFF, bem como das atividades realizadas pelas mulheres em torno do 8 de março como um marco histórico na conquista de direitos feministas. A presença efetiva nessas lutas fortalece a pertença à classe trabalhadora e amplia o

conhecimento sobre determinados temas e/ou bandeiras de lutas da própria classe, fortalecendo assim o método formativo da própria Escola.

Conclusão

Podemos afirmar que a ENFF ao longo da sua história foi construindo o seu método pedagógico desde a prática. Sendo assim, a prática seguirá sendo o elemento motivador para a necessidade de novas adequações, pois como já mencionado, o processo de formação humana não é algo estático, da mesma maneira o jeito de fazer formação não poderá sê-lo.

Nessa perspectiva, a implementação do método é um esforço coletivo que requer planejamento, execução e avaliação considerando as intencionalidades política e pedagógicas que as atividades formativas requerem, de acordo com o perfil da turma, com o tempo de duração, com o foco de atuação das organizações representadas na turma, enfim, intencionalidades que sejam táticas que colaborem com a estratégia da classe trabalhadora.

Alguns desafios são constantes para atender uma das principais bases de uma organização popular que almeja construir um projeto de sociedade, que são a elevação da consciência de forma permanente, pois um curso não dá conta por ele mesmo; através da formação fortalecer a organização da própria classe; aprofundar os laços de solidariedade de classe nacional e internacional; dentre outros.

Para seguirmos refletindo sobre o fazer pedagógico reafirmamos que a ENFF não nasceu pronta está em construção permanente, nasceu da prática do MST e foi se consolidando diante da demanda das diferentes organizações do campo popular. Existe uma materialidade

que é a sua forma de funcionar diante de uma coletividade que estuda, que trabalha, que vivencia novas relações sociais, que luta, que se organiza, etc. Tudo isso coloca para a Escola seguir um território de construção e socialização de saber para a formação humana que responda a demanda de construir um projeto emancipador da sociedade.

Referências

CALDART, R. S. Escola é mais que escola na Pedagogia do Movimento Sem Terra, Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

_____. CERIOLI, P. R. e KOLLING, E. J. Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 4 Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.

PISTRAK, M. M. Ensaios sobre a escola politécnica. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido, São Paulo: Paz e Terra, 1970

KRUPSKAYA, N.K. A construção da Pedagogia Socialista. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MAKARENKO, A. S. Poemas Pedagógicos, Moscou: Editorial Raduga, 1923.

